

Apresentação:
**Da ânsia de trilhar caminhos ocultos e de apr(e)ender novas
formas de viver**

Ev' Ângela Batista Rodrigues de Barros ¹

*“to imagine a language means to imagine a form of life”
(WITTGENSTEIN, 1953 aforismo 19).*

O homem, ser eminentemente social, relaciona-se com seu meio e com os outros humanos por meio da língua(gem). Produzindo realidades e sentidos a partir de suas práticas languageiras, (re)significa o contexto em que vive, atribui valor ao que lhe acontece e aos que o cercam, enfim, cria-se enquanto sujeito (indivíduo) e como parte de um coletivo, cidadão de determinada cultura. Isso revela a importância e a dupla dimensão (a dimensão dialética) da língua: como *instituinte de / instituída por* essa mesma cultura. Sabemos que a cultura é tudo aquilo que se desenvolve por meio da constituição de um grupo de referência, cujas práticas e representações se fundarão sobre as experiências comuns e a partilha de modos específicos de relação com o outro (alteridade) e com o ambiente.

É por meio da língua que se desvela uma visão de mundo, que se persuadem outros a enxergarem e aceitarem essa fresta pela qual se enxerga a realidade (traduzida pelos rituais, procedimentos, representações, valores de que esse grupo lança mão para estar no mundo) e, simultaneamente, é por meio da língua que a diversidade se faz patente, com base nas variações (diferenças e semelhanças) dialetais, calcadas na diversidade cultural. É a língua, portanto, o veículo de construção (e de transformação) de identidades – individuais e grupais.

Segundo Capucho (2009, s/p), “De facto, se o homem constrói o mundo através de processos referenciais, a língua funciona como um filtro sobre o mundo (a)percebido, organizando-o de forma específica”. Nota-se que, além de indiciar comportamentos concretos e relações, a língua também age como um “filtro” sobre os processos percepto-cognitivos. Isso significa que os homens *são* por meio da língua(gem) e

¹ Professora do Departamento de Letras da PUC Minas. Coordenadora Adjunta do CESPUC. Coordenadora editorial da Revista Scripta e editora dos Cadernos CESPUC de Pesquisa, da Conecte-se! Revista Interdisciplinar e da Revista do ICH. Coordenadora de Gestão do PIBID PUC Minas.

interpretam sua existência (o significado ou a falta de significado dela) tomando como meio a língua.

Os artigos do presente volume da **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, interdisciplinar por natureza, trazem, em diálogo, discussões instigantes que concernem a temas integrantes da agenda das Humanidades: análises de cunho sociológico, antropológico, religioso, filosófico, histórico e linguístico nos fazem revisitarem temas e abordagens epistemológicas relevantes a cada uma dessas áreas: a relação língua / cultura, o papel da língua na construção de identidades, rituais que espelham uma determinada cultura e seus modos idiossincráticos de pensar e traduzir a vida e a existência.

O antropólogo Roberto Cardoso, muito apropriadamente, discute a importância do escrever como forma de reorganização do visto e ouvido, como forma de conhecer a realidade e se aperceber do(s) outro(s):

Desejo, assim, chamar a atenção para três maneiras - melhor diria, três etapas - de apreensão dos fenômenos sociais, tematizando-as - o que significa dizer: questionando-as - como algo merecedor de nossa reflexão no exercício da pesquisa e da produção de conhecimento. Tentarei mostrar como o olhar, o ouvir e o escrever podem ser questionados em si mesmos, embora, em um primeiro momento, possam nos parecer tão familiares e, por isso, tão triviais, a ponto de sentirmo-nos dispensados de problematizá-los; todavia, em um segundo momento - marcado por nossa inserção nas ciências sociais -, essas "faculdades" ou, melhor dizendo, esses atos cognitivos delas decorrentes assumem um sentido todo particular, de natureza epistêmica, uma vez que e com tais atos que logramos construir nosso saber. Assim, procurarei indicar que enquanto no olhar e no ouvir "disciplinados" - a saber, disciplinados pela disciplina - realiza-se nossa percepção, será no escrever que o nosso pensamento exercitar-se-á da forma mais cabal, como produtor de um discurso que seja tão criativo como próprio das ciências voltadas à construção da teoria social (CARDOSO, 2000, p.18).

Para Cardoso, é um olhar treinado e uma escuta qualificada que permitem apreensão das diferenças culturais e o registro e a discussão de forma objetiva, que nos afastem de nossas amarras etnocêntricas e propiciem uma leitura fidedigna da realidade (das realidades) que nos cerca(m). Assim, esse preâmbulo tem por função uma breve reflexão sobre os modos de conhecer nas ciências sociais e humanas, que veremos subjazerem aos estudos aqui apresentados; desta forma, sedimenta-se uma trilha possível (mas não exclusiva) para a leitura dos artigos aqui elencados, lembrando que cada um, a sua maneira, evidencia um esforço de inteligibilidade, um olhar perscrutador sobre a realidade e suas múltiplas faces.

No primeiro artigo, “O problema do suicídio em Émile Durkheim”, o professor Sidnei Ferreira de Vares (doutor em Educação pela USP) discute o fenômeno do suicídio à luz da teoria elaborada por Émile Durkheim. Ao fazê-lo, lança luzes sobre tema ainda hoje pouco estudado, desvelando aspectos históricos e socioculturais referentes às causas e implicações individuais e coletivas do suicídio – não é sem razão que o Japão é o país de maiores índices de suicídio: existe certo prestígio social vinculado a esse ato, considerado, em alguns casos, digno de honrarias. Por um lado, não havendo freios interiores, como os impedimentos vinculados à religião (numa sociedade predominantemente budista) no âmbito individual, qualquer ato de desonra ou perda de fama e credibilidade é passível da extinção da própria vida como forma de obtenção da tão ansiada paz interior. Para essa cultura, a tormenta e a desonra, assim, seriam justificativas plausíveis para o ato de autoeliminação. Por outro lado, o *ethos japonês*, isto é, a identidade cultural nipônica, pode ser analisada sob o prisma da glamourização da “morte voluntária”. No âmbito da linguagem como constitutiva desse *ethos*, no Japão não é censurável nem ilegal o encorajamento dos seus membros a cometer atos suicidas, e se reafirma toda uma pressão psicológica (refletida por vocabulários específicos) referentes ao salvamento da fama; há, historicamente, um valor conferido às narrativas dos rituais de autoimolação (através do corte do ventre), amplamente difundidas na mídia nacional (e conhecidas por meio da mídia internacional): os *haraquíris* (típicos das classes superiores) e os *shinjuus* (forma de suicídio grupal, entre pessoas próximas, com vínculo afetivo), são rituais que tornam compreensível que a figura do *Kamikaze* tenha sido idealizada para glorificar esse povo durante a guerra...

Intrigante, esse estudo de Sidnei Vares nos faz refletir sobre temas afins, como a angústia e a depressão, tão frequentes nos dias que correm. Se o estudo do suicídio e suas causas não começou com Durkheim, fato é que o tema teve nele um vigoroso pesquisador.

No segundo artigo, “Chadô: um caminho precursor da Filosofia e Estética no *Chanoyu*”, o mestre em Filosofia Otávio Barduzzi Rodrigues da Costa e a historiadora e professora da educação básica, Thais Masculino Lopes Tinoco, nos convidam a adentrar o universo do *Chanoyu*, o ritual da preparação e consumo do chá, nas milenares culturas chinesa e japonesa. A partir da evolução histórica desse ritual no Japão, evidenciam o imbricamento do religioso (os preceitos budistas) e do sociocultural e filosófico (a integração dos participantes, sem hierarquização social) no momento do consumo.

Cultura, estética e filosofia de um povo se veem retratados por meio de um ritual aparentemente simples, mas que mostra a integração homem, natureza e sociedade de forma visceral.

Em diálogo com o artigo antecedente, este mostra um outro aspecto do caráter ritualístico do povo nipônico: trata-se de uma cerimônia baseada em quatro princípios – harmonia, respeito, pureza e tranquilidade. Para a filosofia *Ichigo Ichie*, o significado de cada cerimônia reside em sua unicidade, no fato de que não poderá ser repetida: “Cada encontro é único e valioso”. Há, basicamente, dois tipos de cerimônia do chá: **Chakai** (茶会), os encontros simples, e o **Chaji** (茶事), encontros formais e mais demorados, que podem durar até quatro horas². O praticante de cerimônia do chá é introduzido no conhecimento de várias artes tradicionais, que vão desde o cultivo e as variedades de chá a vestimentas japonesas (*kimono*), caligrafia, arranjo de flores (*Ikebana*), cerâmica, etiqueta e uso de incensos, além dos procedimentos formais de fazer parte do *chanoyu*.

Os dois primeiros artigos são um mergulho na cultura oriental, em especial na nipônica, permitindo-nos um paralelo entre rituais que não encontram ressonância nos modos de viver ocidentais. Conhecê-los é uma forma de ampliar nosso respeito e senso ético, de abrigar em nós outros modos de olhar, ouvir e... Respeitar.

Na sequência, ainda dentro de um fio sociologizante, mas já voltando o olhar para a cultura brasileira, o mestre em geografia Filipe Rezende Silva, em coautoria com seu orientador, professor Duval Fernandes, traz um fragmento da sua dissertação de mestrado. Com “Desafios enfrentados pelos imigrantes no processo de integração social na sociedade brasileira”, os autores nos defrontam com a problemática tão atual da recepção e acolhida (ou inexistência delas) aos imigrantes de variada procedência (haitianos, sul-americanos, africanos) que, a cada dia, mais têm ocorrido ao Brasil em busca de melhores oportunidades de vida. Afugentados por catástrofes naturais ou problemas decorrentes de governos autoritários, a integração à nova pátria se mostra mais desafiadora do que poderiam supor. Sem um lastro na terra alvo (parentes ou amigos que os tenham precedido, por exemplo), a maioria desses imigrantes se vê em situação de penúria, são vítimas de preconceito e / ou xenofobia, o que se agrava sobremaneira pelo desconhecimento da língua. Os autores mostram medidas

² Informações retiradas do site: <http://www.japaoemfoco.com/os-4-principios-da-cerimonia-do-cha/>. Acesso em 18/12/17.

(governamentais ou não) tomadas para enfrentar ou atenuar os problemas, evidenciando que alguns estados conseguem lidar de forma mais humanitária com os imigrantes, buscando absorver sua mão de obra de forma regular, o que lhes permite uma existência mais digna em solo brasileiro.

No quarto artigo, “Intertextualidade em textos bíblicos: perspectiva filosófica e poética da cultura grega”, temos a possibilidade de enxergar um viés da realidade sob o prisma filosófico-religioso. Nele, a graduanda em Letras Juciara Venancio Fernandes Santiago (PUC Minas) propõe-se a analisar “três trechos bíblicos que dialogam com discursos filosóficos e poéticos de três poetas da cultura grega, a saber: Epimênides, Cleanto e Arato. Para tanto, ela se apoia na intertextualidade como condição cultural e linguística de construção textual, e, sob a abordagem do Interacionismo Sociodiscursivo, traz pequenos excertos e busca contextualizá-los cultural e linguisticamente, a fim de que a compreensão se dê de forma mais ampla. Tendo já realizado inúmeros trabalhos missionários, na Índia e em alguns países da África, Santiago apresenta uma leitura dos textos bíblicos calcada no conceito de língua-cultura e nos aspectos filosóficos que os engendraram.

Reiteramos, inicialmente, o quanto a linguagem e suas práticas dizem dos seus falantes; no caso da sociedade brasileira, altamente grafocêntrica, é a escrita, e não a oralidade (como em sociedades ágrafas, ainda existentes – e resistentes – em diversos pontos do mundo), que nos ajudará a ler a realidade. E, no âmbito da escrita, processos de adequação a preceitos formais e normativos (padronização da forma) encontram-se em destaque, fazendo com que aqueles que descuidam da forma do dizer, não raro, sejam tratados discriminatoriamente em nossa cultura.

Como forma de adentrar o universo da escrita e tratamento do texto, a graduada em Letras Natália Alves Camilo Damas (pela Estácio de Sá) e especialista em Revisão de Textos (pelo IEC PUC Minas) discute “A influência dos fatores de textualidade na revisão de textos”. Ampliando a visada sobre o papel desse profissional, a autora trabalha com diversos fatores constitutivos de um texto adequado a seus propósitos comunicacionais. Com o objetivo de abordar os fatores de textualidade descritos por Robert de Beaugrande e Wolfgang Dressler, analisa os aspectos de coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade, discutindo a aplicabilidade de tais parâmetros a um trabalho profissional de revisão (como o revisor solucionaria eventuais problemas de coesão e coerência).

Na mesma seara, Úrsula Francine Massula nos apresenta alentada investigação sobre as publicações, nos últimos dez anos, referentes à área da revisão de textos. Em “Panorama dos estudos em revisão de textos: o que as publicações em periódicos nacionais revelam sobre o tema?”, Massula mostra um mapeamento bastante abrangente do que se produziu e em que veículo se publicaram inúmeros estudos sobre o papel e as dimensões do ofício do revisor no decênio 2007/2017. Focando-se em publicações classificadas nos estratos A1, A2 e B1 do Qualis Capes, verifica grande heterogeneidade temática, ao lado de consistente avanço no número de artigos sobre essa profissão em processo de oficialização.

No sétimo artigo, “Análise sintática: um estudo sobre a ambiguidade estrutural em manchetes”, as graduandas em Letras (PUC) Kelly Cesário de Oliveira e Bruna Gabriele Oliveira abordam aspectos referentes à ambiguidade estrutural, observando-a como um fenômeno linguístico, uma estratégia recorrente e não raro intencional, num *corpus* definido: manchetes de jornais eletrônicos. Para discutir as implicações dessas manchetes selecionadas, recorrem à análise sintática, a noções de estilística e a conceitos de ambiguidade. Para além de uma discussão focada, esse mapeamento nos alerta para o extremo oposto, da ambiguidade não intencional, que pode provocar ruídos indesejáveis à comunicação.

Fechando a proposta de organização deste volume da **Revista do ICH**, trazemos “Entrevista com o sociólogo, professor, pesquisador Fernando Correia Dias”, concedida a Juliana Cristina de Carvalho, doutoranda em Literatura (PUC Minas). Para conhecer um pouco mais sobre o pensamento deste notável intelectual do século XX, há, disponível, um belo artigo de opinião da professora Mariza Veloso (UnB), intitulado “Fernando Correia Dias, lições de silêncio e sabedoria”:

Professor Fernando – mestre paciente, generoso – e possuidor de uma profundidade serena – sempre soube construir o caminho, pedra por pedra, com solidez, embora, muitas vezes, tenha precisado trilhar tortuosas rotas, respirando os ventos da sofreguidão.

Muitos foram os obstáculos institucionais que enfrentou para viabilizar e institucionalizar propostas de ensino e pesquisa, assim como novas linhas de investigação. E assim, mesmo diante de tantos desafios, sempre seguiu resoluto e sereno, em busca de tais objetivos, que culminaram na implantação e no desenvolvimento efetivo de pesquisas e disciplinas na área do Pensamento Social no Brasil e da Sociologia da Literatura, abrindo caminho para estruturar, dentre outras, a que hoje definimos como Sociologia da Cultura. (...) Fernando Correia Dias foi um pioneiro? Não, foi um desbravador permanente de novas possibilidades investigativas e interpretativas, que permitissem observar e compreender fenômenos

relativos às construções simbólicas, às produções literárias e à criação de instituições culturais e científicas. (VELOSO, 2012, p.628).

Se já é tão instigante ler *sobre* esse sociólogo, certamente não menos interessante será a leitura do que ele mesmo afirmou, sobre inúmeros temas, na entrevista em questão. E, novamente aqui, vemos como se imbricam os assuntos abordados neste volume: Fernando Correia era estudioso devotado a conhecer traços artístico-culturais do povo brasileiro, ou, nas palavras poéticas de Veloso, era alguém que “procurava observar a historicidade das narrativas sociais, suas modulações através do tempo, preocupando-se, particularmente, com as narrativas relacionadas à construção da nação”. O Brasil, de forma mais geral, Minas e sua arte barroca em especial – esses foram os focos recorrentes das prolíficas pesquisas de Correia Dias.

Para encerrar, cabe um dos muitos aforismos de Guimarães Rosa (2001), outro mineiro ilustre: “Esta vida está cheia de ocultos caminhos. Se o senhor souber, sabe; não sabendo, não me entenderá.”

Com os dizeres de Rosa, fica um convite a você, leitor, para adentrar os universos culturais aqui propostos, e, quiçá, outros por essas leituras suscitados. Saber e sabor remontam a uma mesma origem etimológica. A ânsia de saber, de conhecer a realidade e o outro em suas múltiplas nuances – eis uma forma de se perpetuar no espaço e tempo vivido...

REFERÊNCIAS

- CAPUCHO, Maria Filomena. **Sobre línguas e culturas**. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo094.pdf>. Acesso em 18 dez. 2017.
- CARNEIRO, Anna Bárbara de Freitas. Suicídio, religião e cultura: reflexões a partir da obra “Sunset Limited”. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 35, n. 65, p. 15-23, jul. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952013000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 19 dez. 2017.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: UNESP, 2000. 220 p.
- ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

VELOSO, Mariza. Fernando Correia Dias, lições de silêncio e sabedoria. **Soc. estado.**, Brasília, v. 27, n. 3, p. 628-630, dez. 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922012000300009>. Acesso em: 20 dez. 2017.